

CAPÍTULO I

A Sra. Rachel Lynde É Surpreendida

A Sra. Rachel Lynde vivia mesmo no sítio onde a estrada principal de Avonlea mergulhava numa pequena depressão, ladeada de amieiros e brincos-de-princesa e atravessada por um ribeiro que nascia lá para cima, na mata da antiga propriedade dos Cuthbert. No percurso inicial através do bosque, o ribeiro tinha a reputação de ser intrincado e impetuoso, com segredos obscuros de lagos e cascatas; mas, na altura em que chegava à Cova de Lynde, era já um regato calmo e bem-comportado, pois nem mesmo um ribeiro poderia passar pela porta da Sra. Rachel Lynde sem observar as regras de decência e decoro; era provável que ele tivesse consciência de que a Sra. Rachel estava sentada à sua janela, atenta a tudo o que por ali passava, começando por ribeiros e crianças, e que, se notasse alguma coisa estranha ou fora do normal, não descansaria enquanto não tivesse esmiuçado todos os porquês.

Há muita gente em Avonlea e noutros lugares que consegue acompanhar de perto as vidas dos vizinhos à custa de descurar a sua própria; mas a Sra. Rachel Lynde era uma dessas criaturas eficazes que conseguem dar conta dos seus assuntos e dos das outras pessoas numa só penada. Era uma dona de casa notável; o seu trabalho estava sempre feito e bem feito; “dirigia” o Círculo de

Costura, ajudava a dirigir a catequese e era quem mais apoiava a Associação de Amparo da Igreja e a Assistência às Missões no Estrangeiro. Contudo, apesar de tudo isto, a Sra. Rachel arranjava imenso tempo para se sentar à janela da cozinha durante horas, a tricotar colchas de fio de algodão — já tricotara dezasseis, comentavam as donas de casa de Avonlea com temor respeitoso — e a manter debaixo de olho a estrada principal que atravessava a cova e depois serpenteava lá adiante, pela íngreme encosta acima. Uma vez que Avonlea ocupava uma pequena península triangular que se projetava para o golfo de São Lourenço, com água de ambos os lados, qualquer um que lá entrasse ou que de lá saísse tinha de passar por aquela estrada do monte e de se sujeitar à dura e invisível prova dos olhos perscrutantes da Sra. Rachel.

Ela estava sentada no seu posto numa tarde de inícios de junho. O sol luminoso e quente entrava pela janela; no pomar, na ladeira abaixo da casa, florescia uma visão nupcial de branco rosado em que zumbia uma miríade de abelhas. Thomas Lynde — um homem pequeno e submisso a quem as pessoas de Avonlea chamavam o “marido de Rachel Lynde” — fazia a sementeira tardia de nabos na colina para lá do celeiro; e Matthew Cuthbert também deveria estar a fazer a dele no grande campo do ribeiro, lá nas Empenas Verdes. A Sra. Rachel sabia disso porque, na tarde anterior, na loja de William J. Blair, em Carmody, o ouvira dizer a Peter Morrison que tencionava plantar nabos na tarde seguinte. Fora Peter quem fizera a pergunta, é claro, pois Matthew Cuthbert nunca na vida fora de contar fosse o que fosse sobre coisa alguma.

E, no entanto, ali ia Matthew Cuthbert, às três e meia da tarde de um dia de trabalho, placidamente de rédeas na mão, para lá da cova e monte acima; e ainda para mais, ia de colarinhos brancos e com o seu melhor fato, o que provava claramente que se dirigia para fora de Avonlea; e levava a charrete e a égua alazã, o que in-

dicava que ia percorrer uma distância considerável. Então, onde ia Matthew Cuthbert e porquê?

Se se tratasse de qualquer outro homem de Avonlea, a Sra. Rachel, somando agilmente dois mais dois, poderia dar um bom palpite quanto às duas questões. Mas era tão raro Matthew sair de casa que tinha de haver alguma coisa muito premente e invulgar; era o homem mais tímido que havia e detestava estar com estranhos nalgum lugar onde pudesse ter de falar. Ver Matthew aperaltado, de colarinhos brancos e a conduzir uma charrete era coisa que não ocorria com frequência. Por muito que matutasse, a Sra. Rachel não conseguia entender e isso tirava todo o prazer à sua tarde.

“Vou dar um salto às Empenas Verdes depois do lanche e saber da Marilla onde ele foi e porquê”, concluiu finalmente a respeitável mulher. “Ele não costuma ir à cidade nesta altura do ano e *nunca* faz visitas; se as sementes de nabo lhe tivessem acabado, não ia aperaltar-se e pegar na charrete para ir buscar mais; não ia suficientemente depressa para ir buscar um médico. No entanto, alguma coisa deve ter acontecido desde ontem à noite para o fazer sair. É um perfeito quebra-cabeças, é o que é, e não vou ter um minuto de paz de espírito enquanto não souber o que levou Matthew Cuthbert a sair hoje de Avonlea.”

Assim, depois do lanche a Sra. Rachel saiu; não teve de ir longe; a grande casa de traça confusa e rodeada pela verdura do pomar em que os Cuthbert viviam distava apenas quatrocentos metros, estrada acima, da Cova de Lynde. É verdade que aquela vereda aumentava muito a distância. Quando estabelecera a sua propriedade, o pai de Matthew Cuthbert, tão tímido e silencioso como o filho que lhe sucedera, tinha-se afastado tanto quanto pudera das outras pessoas sem chegar a refugiar-se no bosque. A casa das Empenas Verdes fora construída no limite mais distante das suas terras desflorestadas e ali permanecia até ao presente, quase

não se vendo da estrada principal em que todas as outras casas de Avonlea se situavam de forma tão sociável. A Sra. Rachel achava que viver num sítio daqueles não era *viver* realmente.

“É apenas *morar*, é o que é”, dizia ela enquanto percorria a vereda cheia de erva e de sulcos profundos e ladeada de roseiras selvagens. “Não admira que o Matthew e a Marilla sejam ambos um pouco estranhos, a viver assim lá atrás, tão isolados. As árvores não fazem muita companhia, mas, se fizessem, Deus sabe que seriam em número suficiente. Eu prefiro olhar para pessoas. É verdade que eles parecem satisfeitos; mas também suponho que seja por estarem habituados. As pessoas conseguem habituar-se a tudo, até a serem enforcadas, como dizia o outro.”

Dito isto, a Sra. Rachel saiu da vereda e entrou no quintal das Empenas Verdes. Era um quintal muito verde e cuidado, marcado por salgueiros patriarcais de um lado e por empertigados álamos-de-Itália do outro. Não se via um único pau, nem uma pedra solta — que a Sra. Rachel tê-lo-ia notado. Lá no íntimo, achava que Marilla Cuthbert varria aquele quintal com a mesma frequência com que varria a casa. Podia-se comer daquele chão sem nunca ir além da porção de lixo que se dizia, por brincadeira, ser necessária para a saúde.

Com elegância, a Sra. Rachel bateu ao de leve na porta da cozinha e entrou quando foi convidada. A cozinha das Empenas Verdes era uma divisão alegre — ou seria alegre se uma limpeza tão escrupulosa lhe não desse o ar de uma sala de visitas nunca utilizada. As janelas davam para nascente e para poente; através da janela a poente, que dava para o quintal, jorravam raios suaves do sol de junho; mas a de nascente — de onde se avistavam cerejeiras com as suas flores brancas e, lá na cova, junto ao ribeiro, as bétulas esguias e oscilantes — pintava-se de verde por um emaranhado de trepadeiras. Era aqui que se sentava Marilla Cuthbert, quando se chegava a sentar, sempre um pouco desconfiada do

sol, que lhe parecia demasiado dançarino e irresponsável para um mundo que devia ser levado a sério; e aqui estava ela agora, sentada a tricotar, com a mesa atrás de si já posta para a ceia.

Mal fechara a porta, já a Sra. Rachel tomara nota mentalmente de tudo o que estava em cima da mesa. Estavam postos três pratos, portanto Marilla devia estar à espera de que alguém viesse com o Matthew para a ceia. Mas os pratos eram os de todos os dias e só havia compota de maçãs bravas e um tipo de bolo, portanto a companhia esperada não podia ser ninguém especial. No entanto, como explicar os colarinhos brancos de Matthew e a égua alazã? A Sra. Rachel estava a ficar atordoada com este mistério invulgar nas calmas e pouco misteriosas Empenas Verdes.

“Boa tarde, Rachel”, disse Marilla com vivacidade. “Está uma bela tarde, não está? Não te queres sentar? Como estão todos lá em casa?”

Entre Marilla Cuthbert e a Sra. Rachel existia e sempre existira algo a que, à falta de uma palavra melhor, se podia chamar amizade, apesar — ou talvez por causa — das suas diferenças.

Marilla era uma mulher alta e magra, com ângulos e sem curvas; o cabelo escuro tinha alguns fios brancos e estava sempre torcido num nó firme preso atrás por dois ganchos de arame enfiados agressivamente. Parecia ser uma mulher de experiência limitada e consciência rígida e assim era, de facto; mas havia qualquer coisa de redentor na sua boca que, se tivesse sido um tudo-nada desenvolvido, poderia indicar algum sentido de humor.

“Estamos todos bem”, disse a Sra. Rachel. “Mas, quando vi o Matthew a sair hoje, fiquei com algum receio de que *tu* não estivesse bem. Pensei que talvez ele fosse ao médico.”

Os lábios de Marilla contraíram-se num trejeito de compreensão. Já estava à espera de que a Sra. Rachel aparecesse; sabia que a visão de Matthew a viajar tão inexplicavelmente seria demasiado para a curiosidade da vizinha.